



SARAU DE POESIAS NO ENSINO DE GEOGRAFIA: uma experiência no 9º ano do Ensino Fundamental II

Poetry soriee in Geography teaching: uma experiência no 9º ano do Ensino Fundamental II

Sarau de poesía en la enseñanza de la geografía: una experiencia en el 9º curso de la educación primaria

Paula Monteiro Rodriguês 
Universidade Federal Fluminense
paular@id.uff.br

Iomara Sousa 
Universidade Federal Fluminense
iomara_sousa@id.uff.br

RESUMO

A apropriação da roda cultural no ensino de Geografia mobiliza o reconhecimento do estudante como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento geográfico diante de suas manifestações juvenis. O objetivo deste artigo é mostrar o sarau de poesias como metodologia de ensino de Geografia por meio da construção da espacialidade dos estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Áurea Pires da Gama, Angra dos Reis/RJ. É possível propor atividades que contribuam no desenvolvimento de práticas de ensino pautadas na leitura do espaço geográfico próximo aos estudantes, em diálogo com diferentes recortes espaciais e temporais. Esta investigação adotou a roda cultural junto à educação intercultural, fundamentando-se na observação participante e, especialmente na metodologia pesquisa-ação. Trabalhamos o Sarau de Poesias para abordar o conteúdo geográfico curricular “Globalização” dentro do ponto de vista socioambiental; com base em um questionário aplicado aos alunos, posteriormente foram registradas imagens dos problemas socioambientais que mais ocorrem nos bairros onde residem, a saber: lixo, alagamento e esgoto registrados pelos estudantes, eles expressaram soluções por meio da ação didática “Meu lugar na poesia”. Como resultado, o ensino de Geografia desenvolvido à luz dos problemas cotidianos possibilitou o desenvolvimento do conteúdo curricular Globalização por meio de soluções geográficas expressas em poesias pelos estudantes materializando em uma aprendizagem geográfica significativa.

Palavras-chave: Roda Cultural; Geografia Escolar; Espacialidade; Lugar.

ABSTRACT

The appropriation of the cultural wheel in geography teaching mobilizes the recognition of students as active subjects in the process of constructing geographical knowledge considering their youthful expressions. The main goal of this paper is to show poetry recitals as a methodology for teaching geography through the construction of spatiality among 9th-grade students at Municipality School Áurea Pires da Gama, Angra dos Reis/RJ. It is possible to

propose activities that contribute to the development of teaching practices based on the reading of the geographical space close to students, in dialogue with different spatial and temporal sections. This research adopted the cultural wheel alongside intercultural education, based on participant observation and, especially, on the action research methodology. We worked with the Poetry Soiree to address the geographical curriculum content “Globalization” from a socio-environmental point of view; based on a questionnaire applied to the students, images of the socio-environmental problems that most occur in the neighborhoods where they live were subsequently recorded, namely: garbage, flooding, and sewage recorded by the students, who expressed solutions through the didactic action “My place in poetry.” As a result, teaching geography considering everyday problems enabled the development of the Globalization curriculum content through solutions.

Keywords: Cultural wheel; Teaching geography; Spatiality; Place

RESUMEN

La apropiación de la rueda cultural en la enseñanza de la Geografía moviliza el reconocimiento del estudiante como sujeto activo en el proceso de construcción del conocimiento geográfico ante sus manifestaciones juveniles. El objetivo de este artículo es mostrar el sarau de poesía como metodología de enseñanza de la Geografía mediante la construcción de la espacialidad de los estudiantes de 9º grado de la Escuela Municipal Áurea Pires da Gama, Angra dos Reis/RJ. Es posible proponer actividades que contribuyan al desarrollo de prácticas de enseñanza basadas en la lectura del espacio geográfico cercano a los estudiantes, en diálogo con diferentes recortes espaciales y temporales. Esta investigación adoptó la rueda cultural junto con la educación intercultural, basándose en la observación participante y, especialmente, en la metodología de investigación-acción. Trabajamos el Recital de Poesía para abordar el contenido geográfico curricular “Globalización” desde el punto de vista socioambiental; basándonos en un cuestionario aplicado a los alumnos, posteriormente se registraron imágenes de los problemas socioambientales que más se producen en los barrios donde residen, a saber: basura, inundaciones y alcantarillado registrados por los estudiantes, quienes expresaron soluciones a través de la acción didáctica “Mi lugar en la poesía”. Como resultado, la enseñanza de la geografía desarrollada a la luz de los problemas cotidianos permitió el desarrollo del contenido curricular “Globalización” a través de soluciones geográficas expresadas en poemas por los estudiantes, lo que se materializó en un aprendizaje geográfico significativo.

Palabras clave: Rueda Cultural; Geografía escolar; Espacialidad; Lugar.

1 INTRODUÇÃO

A roda cultural é um coletivo que reúne jovens em torno de um conjunto de práticas que ganha sentido a partir dos quatros elementos que compõem o movimento hip hop: graffiti, poetas, Dj's, Mc's, b-boys e b-girls originados nas ruas, mais precisamente, nas praças públicas.

Os participantes da roda cultural são protagonistas de trajetórias atravessadas

por desigualdades sociais ligadas ao cotidiano em diferentes espaços em que vivem sendo eles mesmos. Conforme Gonçalves (2014, p. 422), as rodas respondem informalmente aos “[...] anseios de uma juventude criativa e plural”. Significa dizer que oportuniza aos jovens compartilharem suas próprias narrativas em um espaço onde são ouvidas as questões relacionadas às suas experiências e aos seus conhecimentos.

Nesse sentido, o hip-hop torna-se um olhar transformador e crítico do jovem a respeito da sua realidade. Segundo Ribeiro (2008) “denúncia e, ao mesmo tempo, traz soluções para difíceis situações vividas desafiando os preconceitos e as discriminações”. Ousamos em dizer que a roda cultural é como um campo cuja filosofia hip-hop traduz um modo de pensar criticamente os caminhos percorridos pelo corpo em que estão transbordados pelas subjetividades dos sujeitos.

Partimos da seguinte premissa: considerar o conhecimento construído na cotidianidade é um elemento crucial para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem de Geografia. Cada aluno é um sujeito social que traz consigo um cotidiano singular diretamente relacionado a sua vivência ultrapassando os muros da escola, repleto de historicidade construída por parte do modo de se ver e existir no mundo com suas inquietações e esperanças. Isso exige reconhecer experiências, vivências, histórias e culturas dos estudantes; por sua vez, demanda ações didáticas cujo ponto inicial e final seja a escala local numa interrelação com outras escalas geográficas. Como a Geografia ensinada na escola contribui para a formação de cidadãos críticos e conscientes na sociedade?

A Geografia Escolar deve mobilizar ações de ensino mobilizadoras de um olhar geográfico a partir da escala local em correlação com outros espaços em suas dimensões culturais, sociais, políticas e econômicas numa escala espaço-tempo, de modo que estudantes conforme Cavalcanti (2010, p.6) “[...] entendam o mundo em que vivem a partir do seu local de vivência”. Significa conceber os alunos como sujeitos ativos no processo de construção do conhecimento científico na escola como forma de mobilizar o pensamento geográfico.

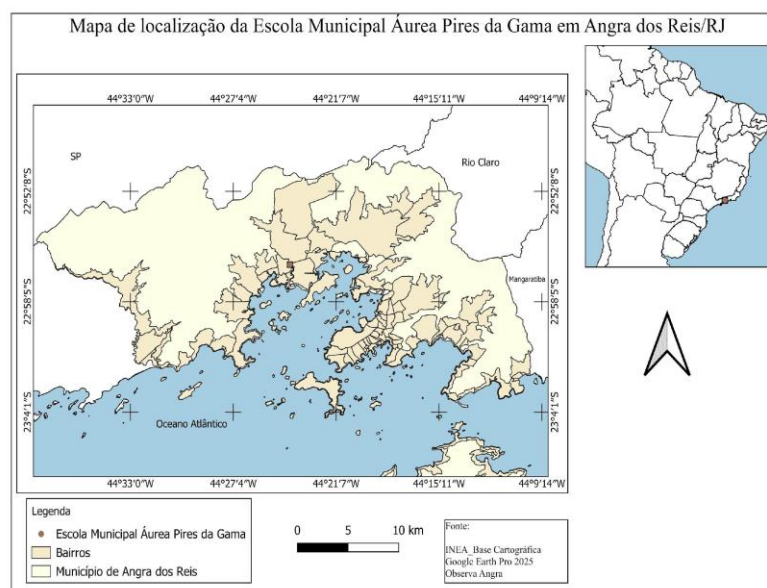
A Educação Geográfica deve ir ao encontro da prática social e cotidiana dos alunos, oportunizando-os conhecerem e saberem pensar a realidade que os cerca. Isso demanda metodologias de ensino cujas propostas didático-pedagógicas

oportunizem aos estudantes entenderem o cotidiano para nele atuar e agir desenvolvida por um currículo praticado em diálogo com as experiências vinculadas aos estudantes.

Em meio à contemporaneidade do mundo marcada pela subtração das experiências dos sujeitos, este trabalho baseia-se em Benjamin (1985) ao propor a valorização da experiência do aluno para construção do conhecimento geográfico numa inter relação ciência e cotidianidade promovendo uma geografia na sala de aula com sentido e significado. Quando se pensa em metodologia para o ensino de Geografia urge considerar o cotidiano, o espaço vivido dos alunos considerando suas narrativas e experiências como referências para o processo de construção do conhecimento geográfico. É relevante entender a cultura da escola, o contexto sociocultural e o nível cognitivo dos estudantes para promover o diálogo dos conteúdos com as suas experiências.

O objetivo deste trabalho é mostrar o sarau de poesias como metodologia para o ensino de Geografia, mediante a construção da espacialidade dos estudantes no 9º ano do Ensino Fundamental II da Escola Municipal Áurea Pires da Gama, Angra dos Reis/RJ, como mostra a Figura 1. Para tanto, o conteúdo curricular abordado foi “Globalização”, de acordo com as normas da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do currículo da rede municipal de ensino de Angra dos Reis/RJ.

Figura 01 – Mapa de localização da Escola Municipal Áurea Pires da Gama



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2025.

Esta investigação adotou a roda cultural junto à educação intercultural, fundamentando-se na observação participante e, especialmente na metodologia pesquisa-ação, conforme Thiollent (1985) através de uma ação planejada interdisciplinar.

Este artigo encontra-se dividido em quatro partes: no primeiro momento aborda uma breve leitura sobre a formação do município de Angra dos Reis; no segundo momento trata sobre apropriação da roda cultural na educação geográfica, a partir do conteúdo sobre Globalização; em seguida, o manuscrito traz uma discussão sobre a observação participante e a pesquisa-ação adotada nesta investigação; em quarto lugar, o texto mostra os resultados deste estudo; por fim temos as considerações finais.

2 BREVE LEITURA SOBRE A FORMAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO ANGRENSE

A formação do espaço geográfico angrense passou por várias modificações. Para melhor refletirmos a respeito da configuração socioespacial de Angra dos Reis/RJ e o contexto atual, foi necessário resgatar brevemente alguns períodos mais relevantes de sua formação geográfica.

Historicamente Angra dos Reis foi uma das primeiras ocupações do litoral fluminense no período colonial até meados do século XX. Até então, o município possuía um fraco dinamismo demográfico e a sua economia girava em torno de atividades portuárias como a cana-de-açúcar, ouro e café. Sua ocupação territorial veio a crescer a partir da década de 50, impulsionada por uma série de empreendimentos industriais que reduziu o setor agropecuário interferindo nas atividades de povos caiçaras na região e no desenvolvimento de atividades turísticas, acolhendo itinerantes interessados em conhecer o arquipélago exuberante na baía da Ilha Grande como afirma Chetry (2015). Tais iniciativas abriram portas para o mercado de emprego local que, por conseguinte, cada vez mais condicionou deslocamento de receber migrantes para Angra dos Reis em busca de mão de obra qualificada e

passeios pelo local; ainda, a construção da rodovia Rio-Santos em 1968 facilitou o acesso ao município conectando os estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

O crescimento populacional envolvendo o fluxo migratório e o crescimento natural da população do município angrense tornaram-se o reflexo da produção de uma nova configuração espacial, moldada por meio da atuação de agentes modeladores envolvidos na dinâmica territorial do espaço urbano. O geógrafo Corrêa (1989) pontua a atuação do estado na escala municipal como um dos agentes geradores da segregação socioespacial com ações diferenciadas nos bairros, atraindo investimentos imobiliários, equipando praças de acordo com interesses das autoridades locais, agindo de forma autônoma sobre o espaço urbano.

Vale ressaltar que nesse momento a industrialização no Brasil como um todo, foi uma das maiores motivações pela centralidade no espaço através das atividades econômicas, provocando o afastamento de inúmeras construções domiciliares sujeitas a uma “alocação ou realocação não espontânea” apontada por Pereira (2022, p.4) que passaram a se estabelecer às margens dessa nova configuração, caracterizada como o centro urbano.

De acordo com Pereira (2022), o processo de segregação socioespacial de Angra dos Reis impactou de forma veementemente a moradia da população natural - principalmente os que possuem baixa renda - levando-os à categoria de favelização. Um exemplo de atuação do poder público municipal está relacionado ao processo histórico que impactou bruscamente as comunidades tradicionais quilombolas e indígenas; em razão dos interesses das autoridades locais, esses sujeitos são alvos de especulação imobiliária cujo resultado se materializa em condomínio de luxos e *resorts* materializados no espaço geográfico angrense concebido como um “paraíso” que tende a ignorar as precisões, assim por dizer, de outras vivências; estas são aquelas que trazem sentido as narrativas dos sujeitos que vivem na cidade a cidade, mas trazendo uma outra perspectiva sem relação que nada tem a ver com o produto de uma paisagem exuberante apresentada pela mídia sobre Angra dos Reis.

Dessa forma, cria-se um imaginário que, ao mesmo tempo, encobre que nesse mesmo lugar tem sido forçado as relações, os saberes e fazeres comunitários a se transformarem em um novo modelo que, por sua vez, tem negligenciado a falta de infraestrutura, dificultando o acesso a lugares públicos e os riscos socioambientais em

vários pontos da cidade como, por exemplo, a separação da população quanto à ida ao shopping com entrada pelos fundos e pelo estacionamento para àqueles que possuem lanchas e iates.

Partindo dessa premissa, questionamos inicialmente: Angra dos Reis para quem? Buscamos levantar referências sobre o lugar através daqueles que habitam, mas não vivenciam seus lugares. Logo, cabe aqui nos deslocar para os conhecimentos sobre esse recorte espacial do ponto de vista dos estudantes, na busca de compreender a sua totalidade através do sentido de lugar representado nas experiências pessoais. Como a apropriação metodológica da Roda Cultural por meio de uma proposta didático-pedagógica mobiliza o processo de construção do conhecimento geográfico? Nesta investigação, adotamos a roda cultural como metodologia de ensino para abordar o conteúdo geográfico curricular “Globalização” em turma do 9º ano do Ensino Fundamental pautado nas práticas espaciais e subjetividades dos estudantes.

3 A APROPRIAÇÃO DA RODA CULTURAL NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Quando se trata do ensino básico da rede pública, especialmente, nas esferas estadual e municipal, os docentes de Geografia se deparam, muitas vezes, com a ausência de materiais didáticos para o desenvolvimento de práticas de ensino relacionadas ao município ou ao bairro onde os estudantes residem para trabalhar os conteúdos geográficos juntamente a outras espaciais.

No ambiente escolar, a adoção do diálogo pautado entre o cotidiano ao conhecimento científico reflete compromisso com a Geografia ensinada na sala de aula para promover a leitura e a interpretação dos lugares, numa inter-relação local-global em direção à transformação social e ao exercício da cidadania dos estudantes. Quais são os procedimentos didático-pedagógicos para desenvolver conteúdos curriculares por meio de conceitos geográficos? Qual é o sentido da Geografia para as práticas espaciais dos estudantes?

Este estudo se apropriou do sarau de poesia, cultura de rua, como metodologia de ensino para pensar o espaço geográfico, considerando as múltiplas visões, histórias e experiências dos estudantes no sentido de mobilizar a construção do

conhecimento científico na sala de aula pautada na mediação pedagógica de Vygostsky pontuada por Oliveira (1993) na qual o processo de construção do conhecimento escolar se desenvolve por meio da interação social, tornando essencial os conhecimentos didático-pedagógicos dos professores.

Dentro dessa concepção para apropriação da construção do conhecimento geográfico na sala de aula, Sacramento (2015, p.22) pontua a mediação do professor como meio de incentivar os estudantes um modo de pensar geográfico por meio do “[...] conteúdo das representações sociais do espaço vivido pelos alunos, integrado à geografia escolar como referencial geográfico, permitirá ao professor elaborar estratégias didáticas na concretização da aprendizagem”.

A apropriação do sarau de poesia nas aulas de Geografia mobiliza os estudantes compreenderem a lógica dialética e contraditória da organização do espaço geográfico para nele atuar crítica e conscientemente. Significa abordar questões urbanas, questões do campo, mercantilização da natureza levando esses sujeitos a pensarem sobre os problemas humanos e soluções geográficas para questões locais, regionais e nacionais que, por sua vez, afetam diferentes sujeitos e lugares.

Para o sarau acontecer, é permitido que os participantes tenham liberdade para se expressarem, desde que se faça de forma clara, respeitosa e consciente; por meio da provocação de emoções, observações e críticas dos participantes, dialogam simultaneamente com a linguagem, as sonoridades, os ritmos, as rimas, o corpo em si enquanto toca a sensibilidade da poesia: transformação social. Torna-se indispensável compreender a subjetividade referente às relações estabelecidas entre professores e alunos que, por sua vez, não são puramente cognitivas e racionais.

Dentro desse escopo, esta investigação se apropriou da renovação da Geografia Cultural e sua difusão no Brasil por volta de 1990 (Corrêa, 2009), na qual um dos eixos compreendeu a afirmação dos grupos subalternos submetidos à cultura homogeneizadora valorizando os sentidos e os significados das práticas culturais desses sujeitos. Nos pautamos em Claval (2002) ao conceber o conceito de cultura, dentre seu caráter polissêmico (Corrêa, 2009), produzido no cotidiano dos sujeitos valorizando suas experiências ao invés da imposição de valores e normas, ou seja, realidades prontas.

As realidades e experiências dos estudantes mostram caminhos valiosos para adoção do sarau de poesias na produção do conhecimento geográfico com sentido e significado favorecendo uma formação sólida do aluno, pautada no cotidiano, pensada por meio de suas espacialidades a partir da geografia ensinada na escola. Em vista disso, retomamos a concepção de Claval (2002) a respeito da cultura entendendo em relação direta com a própria existência da sociedade numa inter-relação espaço-temporal mobilizando outros meios de apropriação e ressignificação dos seus espaços. Eis o papel da mediação pedagógica para planejar o desenvolvimento de conteúdo ou tema em sala de aula pautada no entrelaçamento das experiências cotidianas dos alunos e os conhecimentos científicos. A escola é um lugar de encontro, confronto, saberes e culturas. O chão da escola é cada vez mais marcado por esses encontros, desencontros; essa tensão entre a seleção de conhecimentos geográficos, conteúdo curricular e a relação de saberes que nos orienta, traz uma nova perspectiva para a escola apoiada nos objetivos desta instituição para a vida em sociedade, ética e a vida participativa.

Por essa razão, este estudo instiga, primeiramente, pensar o papel da escola como espaço sensível à realidade vivenciada pelos estudantes das classes populares fora dos seus muros, conforme Dayrell (2003), valorizando as referências do cotidiano, o modo como se relacionam com a comunidade afora e pelo qual se vive no lugar onde mora ou frequenta socialmente para a construção do conhecimento geográfico.

Esse contato fora da escola está atribuído a significados que se expressam no interior da escola, mas, muitas vezes são secundarizados, comprometendo o trabalho didático-pedagógico de fatos e fenômenos na perspectiva geográfica. Segundo Dayrell (2001, p.136), a necessidade de “[...] apreender os processos reais que ocorrem no interior da escola” compreende um elemento importante para planejar ações didáticas pautadas nas vivências dos alunos, significando uma maneira de pensar geograficamente o cotidiano, a partir da aproximação do mundo com a sala de aula e vice-versa.

Tal concepção colocou em questão o processo de ensino-aprendizagem em geografia no que se refere a sua complexidade, reconhecendo o papel dessa disciplina escolar para entender o mundo afirmado por Callai (2003). Dentro desse escopo, reforçamos o posicionamento de Libâneo (1994) a respeito da demanda pelo

reconhecimento dos papéis específicos do mundo da escola em diálogo com aqueles que desempenham no cotidiano do mundo da rua, suas contribuições para a vida social e escolar do estudante, abordando conteúdo curricular de forma dinâmica, despertando ou resgatando o interesse pela disciplina.

Neste trabalho, buscamos refletir a escola como polissêmica, ou seja, dotada de uma multiplicidade de sentidos para pensar uma forma de produzir uma metodologia para o ensino de Geografia provedor de uma compreensão crítica e contextualizada do espaço geográfico. Acreditamos que um bom ensino perpassa uma relação horizontal entre professor e aluno, pois é ele quem mobiliza aos alunos a conhecerem o mundo à luz do olhar geográfico.

Nessa perspectiva, o diálogo de uma metodologia de ensino originando-se da roda cultural torna possível sua apropriação nas aulas de Geografia, pois contempla várias atividades artísticas traduzidas em relação ao que é construído sobre um determinado modo de ser jovem baseado em seu cotidiano Dayrell (2003). Significa incluir rimas, grafite, sarau de poesia e outras artes” (Gonçalves, 2017, p. 58), que sustentam um entendimento de mundo a partir da construção da forma de pensar. Do ponto de vista didático-pedagógico, conforme Cavalcanti (2010), as facetas da roda cultural, notadamente, sarau de poesia auxilia no processo de leitura, interpretação e a relevância da geografia na vida cotidiana, reconhecendo sua importância para uma análise crítica da realidade social mais ampla na produção de uma formação cidadã.

4 SARAU DE POESIA NAS AULAS DE GEOGRAFIA

O sarau de poesia, na perspectiva da roda cultural acontece em momentos diferentes; em algumas rodas, o sarau de poesia se desenvolve com o microfone aberto, uma das modalidades em que se pode colocar não só poesias, mas também outras informações, comunicados e recados; em outras rodas recebe mais destaque, se colocando como um momento específico para recitar poesias. Nesse momento, poesias variadas são apresentadas ao público, podendo ser demonstradas, interpretadas, cantadas ou performar literariamente. Conforme Gonçalves (2016, p.190) “[...] leva os jovens, que nunca se perceberam com talento artístico, a se aventurarem, rimando, cantando, declamando.”

As poesias nessa condição, relatam assuntos dentro de uma realidade que é dada como singular, trazem dimensões as experiências únicas, inerentes a consciência de quem habita o espaço e pelo fato de habitar, por eles percebidos as significações, como emocionado por Lefebvre (1991), tecidos por pontos em comum, que se anunciam por meio de linguagens escritas, orais, performáticas, que em tons expansivos, demonstram que encontraram nesse espaço uma possibilidade de serem ouvidas suas inquietações de maneira mais profunda, digamos. Os temas tendem a variar de acordo com o autor, mas de maneira geral, são pautados assuntos que se concretizam como uma diversidade com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e das regiões geográficas, somado a um conjunto de transformações que estarão presentes, de algum modo, ao longo da vida dos sujeitos. Refletimos sobre uma geração que busca alcançar mudanças políticas, que sobreponham os direitos humanos em benefício de uma cidadania mais democrática e igualitária.

Os versos exploram as experiências, estas que são marcadas por “sentimentos espaciais” pontuados por Tuan (1979). Nos versos, é possível notar a relação afetiva com o lugar de onde se registra a fala, sob uma ótica de espaço vivido e construído “[...] em torno de fatos do cotidiano” (Gonçalves, 2016, p.184), a partir de um pensamento críticos transbordados de subjetividades. Nesse sentido, a poesia é uma ferramenta que viabiliza a reafirmação de valores, histórias e memórias que é próprio dos sujeitos em seus contextos de vida. Com isso, a educação geográfica se faz presente no modo de pensar a realidade do lugar em que se vive. A poesia, atribuída ao sentido de lugar através dos sentimentos, convoca emoções; se faz presentes as referências pessoais e o conjunto de valores que direcionam as diversas maneiras de perceber e retratar a paisagem e o espaço geográfico.

Em primeiro instante, nos apoiaremos em Corrêa (1989, p. 28) a partir de Santos (1985), que considera o espaço como “categorias estruturais”, cujo bairro pode ser descrito como um conjunto de ruas interligadas uma na outra, que comportam moradias em diferentes moldes escolas, posto de saúde, comércios, praças e shoppings. Suas características estão associadas ao processo de formação quanto a sua localidade e as pessoas que vivem nela.

Pensar geograficamente o espaço significa compreender a dependência de uma conexão com o recorte espacial bairro, um conhecimento “iminente à produção da vida” pontuada por Carlos (2016, p.3). Conforme Lefebvre (1991) a ideia do direito à cidade não se limita apenas ao direito de estar fisicamente, mas também de influenciar e moldar efetivamente, por isso, propõe-se aqui este elo/motivação que parte dos sentimentos construídos através das percepções pelo lugar. Santos (1994, p.121) aponta que quando se adquire o conhecimento geográfico reconhecendo o lugar que se vive, isso contribui para formar “cidadãos conscientes, capazes de atuar no presente e de ajudar a construir o futuro”.

A adoção da roda cultural mobiliza melhorar a qualidade do ensino quanto à formação plena do aluno por meio do reconhecimento consigo mesmo, no qual ele se descobre como autor na qual as manifestações culturais juvenis sejam adotadas como ponto de partida e de chegada na construção do conhecimento geográfico.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do reconhecimento da Secretaria Municipal de Educação de Angra dos Reis; por sua vez considerou fundamental o desenvolvimento de atividades que visem a leitura geográfica do município como lugar de convivência dos estudantes, a escola, espaço privilegiado de análise e produção de conhecimentos. Sendo assim, a escola cria oportunidades para que se construa conhecimento por meio do que é cientificamente produzido, reconhecendo os alunos como pessoas que fazem parte da cidade, sujeitos atuantes e responsáveis por sua transformação social.

Esta parte mostra os caminhos que foram percorridos nesta investigação desenvolvida como parte da carga horária prática correspondente ao estágio curricular do curso de licenciatura em Geografia da Universidade Federal Fluminense/Campus Angra dos Reis cumprida Escola Municipal Áurea Pires da Gama situada em um bairro chamado Bracuhy, mais especificamente, no território do Quilombo Santa Rita do Bracuhy.

A comunidade herdou a fazenda do seu antigo dono, mas foi ludibriada e teve partes de suas terras entre a Rodovia Rio Santos e um mar ocupado pelo condomínio

Porto Marina Bracuhy. Logo, a escola tem sua posição entre o asfalto e a Mata Atlântica, anuncia o rio nos fundos dela que, por sua vez, resiste à implantação de uma hidrelétrica. Os sujeitos da pesquisa são alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II com idade entre 13 e 17 anos e moradores em bairros próximos à escola, Itinga, Vaquejada, Beira Rio e Gamboa do Bracuí.

Uma das principais motivações para desenvolver a pesquisa nesta escola além de uma relação junto à equipe gestora e o corpo docente antes mesmo de demonstrar interesse e iniciá-la, surgiu durante a experiência como estagiária na disciplina de Pesquisa e Prática Educativa IV – Geografia cujo objetivo foi estimular os licenciandos construírem experiências com educação diferenciada.

Por isso, esta investigação está apoiada na pesquisa-ação, pois desempenhou um papel ativo no equacionamento do problema encontrado e na identificação de ações estimuladores em busca de uma solução para um problema. O principal objetivo consistiu em promover junto aos participantes meios capazes de responder com maior eficiência aos problemas circundantes em particular, sob forma de diretrizes de tomada de consciência através do conhecimento geográfico. Além disso, partiu de procedimentos que, conforme Thiollent (1985) defende que os participantes teriam “voz e vez”.

A primeira etapa desta investigação consistiu na pesquisa de campo, partindo da observação participante, cujo foco foi levantar a rotina escolar dos alunos dentro e fora da sala de aula, mais precisamente nas aulas de Geografia. Em consonância com May (2004), a inserção e participação cotidiana no ambiente da pesquisa que, neste caso, contempla o dia a dia tanto da turma de 9º ano do Ensino Fundamental II mobilizando a construção de conhecimentos geográficos.

Por conta das nossas experiências pessoais em rodas culturais nos debruçamos para o desenvolvimento de uma metodologia em sala de aula, facilitando a aproximação da disciplina com os saberes dos alunos, partindo da sua centralidade para alcançar uma aprendizagem mais significativa.

Posteriormente, a segunda etapa adotou o questionário cujo objetivo foi levantar possíveis discussões associadas aos problemas identificados durante a fase exploratória. A concepção do questionário buscou conhecer os estudantes considerando seus modos de pensar e agir, costumes e hábitos culturais. Intitulado

“As formas de expressão usadas no dia a dia”, o questionário teve como objetivo levantar expressões culturais que se reproduzem despretensiosamente dentro da escola pelos alunos cabíveis a serem utilizadas como material metodológico para o desenvolvimento de práticas curriculares em sala de aula. Dessa forma, o questionário direcionou os meios para o planejamento de uma metodologia de ensino considerando as práticas espaciais dos estudantes para promover uma leitura geográfica de mundo e um modo de atuar crítico e consciente em relação à Globalização dentro do ponto de vista socioambiental.

A partir do questionário, na terceira etapa, estruturou-se o plano de aula dialogando com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017). Nesse sentido, buscamos compreender uma das facetas da roda cultural, sarau de poesias, abordada dentro do conteúdo curricular Globalização para nortear o desenvolvimento da prática de ensino em sala de aula pautada na espacialidade. A escolha do conteúdo curricular Globalização teve como foco proporcionar aos estudantes o entendimento da dinâmica da produção do espaço geográfico dialética e contraditória em articulação com diferentes escalas de análise cujo ponto inicial e de chegada contemplou a identificação de problemas espaciais do bairro Bracuí do ponto de vista dos estudantes e, posteriores soluções expressas em poesia denominada “Meu lugar na poesia”.

A metodologia desta pesquisa foi cruzada entre diferentes ferramentas, de acordo com as exigências dos momentos. Desse modo, o estudo qualitativo possibilitou considerar os significados, os motivos e os valores das expressões relacionadas a vivência e a cotidianidade dos estudantes. Partindo de uma base empírica, foi caracterizando-se a partir de um envolvimento nas dimensões da vida escolar do grupo para descrever por meio da observação participante, ações didáticas passíveis de intervenção em função de uma proposta metodológica de ensino.

Para tanto, adotamos determinadas prioridades em efeito do levantamento de diagnóstico que oportunizassem os sujeitos da pesquisa a terem “voz e vez”, segundo Thiollent (1985), através de uma ação planejada, apoiando-se também na metodologia pesquisa-ação.

Como forma de desenvolver a prática na escola foi elaborada uma sequência didática cujo tema contemplou “Estudo do local de moradia dos alunos relacionado à

apropriação do sarau de poesia numa perspectiva interdisciplinar”. Para o desenvolvimento da prática foi proposto um diálogo dos fatores responsáveis pela deterioração do meio ambiente na atual fase da globalização. Em momento posterior foi planejado o registro de fotos para mostrar a percepção socioambiental do bairro em que os alunos moram em Angra dos Reis/RJ, a fim de discutir sobre os problemas dos locais de moradia deles e representar soluções por meio de um mapa conceitual.

Dentro dessa proposta didática buscamos explorar a letra da música “Levanta e anda – Emicida part. Rael” para trabalhar: verso, estrofe, rima, ritmo e métrica, a fim de explorar em sala de aula como a poesia transmite emoção, sensibilidade e imaginação; ainda mostrar como a construção de um sarau de poesia pelo estudante poderia denunciar os problemas existentes nos bairros, refletindo a partir dos conhecimentos geográficos formas de amenizar e evitar tais problemas.

6 RESULTADOS

Como caminho didático-pedagógico para desenvolver a atividade com o Sarau de Poesia, o questionário buscou compreender qual era o conteúdo que mais despertava o interesse dos alunos para trabalhar a geografia em sala de aula em conjunto, reconhecendo a relevância de conhecê-los a fim de alcançar suas “motivações, seus conhecimentos, para melhor contribuir para a sua formação” (Cavalcanti, 2012, p.110). Isso vai de encontro com a recongnição dos conhecimentos espaciais observados por eles ao lidarem com o mundo de sua experiência imediata como mostra a Figura 02.

Figura 02 – Temas geográficos escolhidos pelos estudantes



Fonte: Arquivo pessoal (2023).

Dentre os temas geográficos, os estudantes elegeram em 2,2% alunos por estudar os países e os elementos naturais; 20,0% ficaram entre abordar problemas socioambientais, tecnologia e população; e os demais 35,6% escolheram que o estudo das cidades como o conteúdo mais interessante a ser trabalhado por eles.

Dessa maneira, a aula foi desenvolvida com o foco no “Estudo das Cidades” considerando uma leitura de mundo que começasse pelo lugar de onde eles moram. Para tanto, a aula foi baseada no conteúdo sobre “Globalização: por um meio ambiente melhor”, seguido da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), envolvendo a interação complexa entre o fenômeno da globalização e as questões ambientais. Explorar esse conteúdo foi de fundamental importância para retratar as inquietações dos alunos quanto aos bairros em que residem a fim de conscientizá-los sobre como as relações globais impactam o meio ambiente e como as ações locais contribuem para um futuro mais sustentável.

Segundo Callai (2003, p.99) “aprender a olhar para o local entendendo que o que está singularizado no lugar possui elementos que fazem a distinção, mas olhando também para o contexto mais amplo e global”. Assim, observar quais são os problemas ambientais em comum com os outros países e lugares fora do lugar onde eles vivem, contribuiu para levantar possíveis soluções a respeito delas. Com isso, a atividade tratou-se de estimular os estudantes como cidadãos autônomos, críticos, responsáveis e comprometidos com a sociedade.

Dentre os problemas socioambientais mencionados por eles foram lixo, alagamento e esgoto. Foi trabalhada a música “Levanta e Anda” do *Rapper* Emicida *feat* *Rapper* Rael da Rima no qual os alunos compreendem o contexto que se trata a música; a canção aborda temas como superação, resiliência e a busca por um lugar ao sol. Embora o termo “bairro” não seja mencionado em sua letra, Emicida é conhecido por abordar temas relacionados às realidades das periferias urbanas e questões sociais; ainda, aborda as experiências vividas em comunidades e os desafios enfrentados por quem reside nelas, suas letras engajam e conscientizam questões sociais.

A música serviu como uma ferramenta interessante para abordar o estudo dos bairros, especialmente ao explorar a letra da música como uma forma de expressão

que pode conter informações geográficas; a letra da música foi analisada considerando versos, estrofes, rimas, licença poética, ritmo etc. O intuito era aproximar os estudantes da música que é fruto de uma poesia que, por sua vez, permite que expressem suas emoções e seus pensamentos sobre lugares e experiências geográficas de maneira mais subjetiva; houve materialização das soluções por meio da ação didática “Meu lugar na poesia”.

A “cooperação é o que constrói” e isso nos leva a pensar que o primeiro passo para resolver o problema por meio da conscientização da própria comunidade em relação ao descarte do lixo, embora seja um trabalho de força maior em conjunto com a comunidade. “Cooperação é o que constrói”, isso demonstra que se a comunidade se organiza, os danos tendem a serem menores, embora não sejam totalmente os responsáveis por ele. Sendo assim, “[...] cômico de seus direitos, reivindica respeito” (Gonçalves, 2016, p.187).

Na perspectiva geográfica, ao analisar os aspectos físicos do território de Santa Rita do Bracuí, torna-se evidente que as atitudes diante dos problemas socioambientais não podem ser pensadas de forma isolada ou unilateral. Elas acontecem em conjunto, como uma via de mão dupla. “atitudes responsáveis e amor ao planeta”. Ou melhor, como uma encruzilhada, tal como expõe o aluno em sua poesia ao afirmar que “até os animais estão na encruzilhada”. Essa imagem nos mostra que os conflitos ambientais não são lineares; eles se cruzam, se tensionam e exigem responsabilidade compartilhada.

Cabe aos moradores evitarem o descarte inadequado de lixo e adotar práticas responsáveis, “reciclar é reutilizar com consciência”. No entanto, antes de responsabilizá-los exclusivamente, é preciso considerar a infraestrutura dessa comunidade está submetida. Santa Rita do Bracuí enfrenta recorrentes alagamentos, fenômeno que se relaciona tanto com seus aspectos físicos: relevo, hidrografia e o regime de chuvas intensas característico de Angra dos Reis, quanto com intervenções humanas mal planejadas. O caráter natural das chuvas não pode ser ignorado, mas, tampouco, pode servir como justificativa para a fragilidade quanto ao planejamento territorial.

A comunidade vive um processo de transição do rural para o urbano. Intervenções que aterraram áreas naturais e modificam o solo, segundo Richter et al.

(2024), a empresa Bracuhy retirou areias e seixos (pedras) do rio para ampliar suas obras e consumir um canal navegável, o que gerou impactos ambientais significativos. Após degradar a parte interior do rio, passou a intervir também na parte superior, área utilizada pela comunidade.

Dessa forma, a responsabilidade se apresenta como uma encruzilhada: envolve o poder público, que deve planejar com sensibilidade e respeito, os moradores, que são os primeiros afetados pelos problemas ambientais, e aqueles que acessam o território e devem valorizá-lo e preservá-lo. O cuidado começa no lugar onde se habita, mas não se encerra nele. Trata-se de compreender que o território é espaço de vida, memória e identidade. Quando essa relação é rompida, todos perdem; quando é fortalecida, cria-se a possibilidade de um futuro mais justo e ambientalmente equilibrado.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho realizou uma prática pedagógica nas aulas de Geografia por meio da Roda Cultural cujo foco foi mostrar a relevância da centralidade do aluno como estratégia de despertar outros caminhos metodológicos considerando outros materiais tradicionalmente utilizados pelos professores nas aulas, contribuindo para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dentro de sala de aula. A adoção da roda cultural traz esperanças para alcançar o êxito escolar quanto à formação plena do aluno por meio do reconhecimento consigo mesmo, onde ele se descobre como autor, criando um processo criativo e estimulando-os a refletirem geograficamente.

O ensino de geografia pautado na realidade espacial dos estudantes sob a mediação do professor é eficaz desde que as manifestações juvenis sejam adotadas como ponto de partida e de chegada na construção do conhecimento geográfico. É a partir da leitura geográfica alcançada pelos estudantes, que os fazem se entenderem como sujeitos sociais responsáveis por traçar mudanças porque sentem pertencidos aos lugares que os correspondem dando um sentido afetivo a sua própria identidade.

A apropriação da Roda Cultural na educação geográfica demanda do professor planejar e desenvolver suas ações didáticas em diálogo com a linguagem desses

sujeitos, considerando seus anseios e interesses sociais. Afinal, a escola é o *lócus* da produção social do conhecimento. É possível promover uma Geografia com sentido e significado tanto para quem aprende como para quem ensina. Entendemos que ao analisar essa possibilidade, compreendemos que esses sujeitos fazem parte do espaço que hoje vem sendo marcado sobretudo com contradições movidas pelos avanços que impõem novas técnicas para conscientizá-los.

O conhecimento geográfico anuncia o pensamento e o olhar crítico diante da realidade das coisas através das poesias, ele auxilia na compreensão do mundo que se vive e traz esperanças para o futuro. É a partir da leitura geográfica que o aluno alcança e o faz se entender como sujeito social responsável por traçar mudanças porque se sente parte dela. A leitura geográfica acontece quando se passa a refletir as diferenças existentes do cotidiano nas suas mais diversas maneiras de uso do espaço. É a capacidade intelectual de compreender o espaço para atender as necessidades.

O ensino de geografia pautado na realidade espacial dos estudantes sob a mediação do professor é eficaz, desde que as manifestações juvenis sejam adotadas como ponto de partida e de chegada na construção do conhecimento geográfico. A partir da leitura geográfica, os estudantes entendem como sujeitos sociais responsáveis por traçar mudanças porque sentem parte daquele meio, pertencentes aos lugares que os correspondem, dando um sentido afetivo a sua própria identidade.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas, 1).

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: ME/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_sit_e.pdf. Acesso em: 12 abr. 2023.

CALLAI, C. H. Estudar o lugar para compreender o mundo. *In*: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano**. 3ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2003. p.71-114.

CARLOS, A. F. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: Hucitec, 2016.

CAVALCANTI, L de S. A geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1, 2010, Belo Horizonte, MG. **Anais [...]**, 2010.

CAVALCANTI, L. de S. A “geografia do aluno” como referência do conhecimento geográfico construído em sala de aula. **O ensino de geografia na escola**. Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 45-47.

CHETRY, M. Crescimento demográfico e espacial de uma cidade média: Angra dos Reis. **Cadernos do Desenvolvimento Fluminense**, n. 14/15, p. 23-34, 2018.

CLAVAL P. A volta do Cultural na Geografia. **Mercator**, Fortaleza, v.1, p.19-28, jan. 2009.

CORRÊA, R. L. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. Processo, forma e significado: uma breve consideração. **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul**, 2009.

DAYRELL, J. A escola como espaço sociocultural. *In*: DAYRELL, J (Org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. 2001. p. 136-161.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, dez. 2003.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. NewYork: Blackwell Publishing.1991.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processo. Porto Alegre, Artmed, 2004

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

PEREIRA, L de S. Análise da dinâmica da violência criminal no espaço urbano de Angra dos Reis - RJ. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA. 17, 2022, Curitiba. 17. **Anais do XVII Simpósio Nacional de Geografia Urbana**, Curitiba, 2017.

RIBEIRO, W. de G. "Nós estamos aqui": O Hip Hop e a construção de identidades em um espaço de produção de sentidos e leituras de mundo. **Educar Em Revista**, v. 25, n. 33, p. 263–263, 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/12697>. Acesso em: 08 abr. 2026.

RICHTER, M.; COSTA, M.; FOGAÇA, I. de F. (org.). **Quilombo Santa Rita do Bracuí**: cultura, geografia e história. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2024.

SACRAMENTO, A. C. R. A mediação do conhecimento: a importância de pensar o trabalho docente de geografia. In: SACRAMENTO, A. C. R.; França, C. de F. A. de SANTANA FILHO, M. M. de. (Org.). **Ensino de geografia: produção do espaço e processos formativos**. Rio de Janeiro: Consequência/FAPERJ, 2015, v. 1, p. 1-18.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 1994.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

TUAN, Y. F. Space and place: humanistic perspective. In: TUAN, Y. F. **Philosophy in geography**. Dordrecht: Springer Netherlands, 1979. p. 387-427.

Histórico do artigo Recebido: fevereiro de 2026. Aceito: março de 2026. Publicado: abril de 2026.
--